

Um balanço do próprio Governo

Por Zilda de Assis

A Revista Brasileira do Aço conversou com o Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Fernando Pimentel, que fez sua avaliação sobre a competitividade da siderurgia nacional

Como o Governo pretende fomentar o desenvolvimento industrial, nos próximos meses?

O Plano Brasil Maior, lançado em 2011 pela presidenta Dilma Rousseff, contempla uma série de medidas e ações para fortalecimento e, conseqüente, aumento da competitividade da indústria nacional. Várias dessas medidas estão em vigor e uma série de outras (que serão definidas ao longo do tempo de duração do plano), terão o objetivo de fomentar o desenvolvimento da indústria nacional. Levantamento realizado pelo MDIC, quando o plano completou um ano, mostrou que 63 medidas tinham sido anunciadas. Dessas, 49 estavam em vigor e as demais em implementação. São medidas de redução dos custos do trabalho, como a desoneração da folha de pagamento que no começo de 2013 já alcança 42 setores de serviços e da indústria, de estímulo ao desenvolvimento das cadeias produtivas e às exportações e ações de defesa comercial.

Em paralelo, outras ações do Governo que também foram efetivadas e valem ser citadas são a redução da taxa de juros, a recuperação do câmbio, medidas de redução do custo de energia elétrica – que no caso da indústria eletrointensiva poderá chegar a 28% a partir do mês de fevereiro –, adoção de margem de preferência para compras governamentais, investimentos do Plano de Aceleração do Crescimento, concessões em logística de transportes e os esforços de qualificação de mão-de-obra. É nessa linha que prosseguiremos, colocando em prática medidas que ampliem, sempre mais, a competitividade sistêmica da indústria brasileira.

Há alguma ação no Ministério para conter a importação de aço, direta e indireta, para 2013?

O País não proíbe a importação de aço, seja direta ou indireta. No Brasil, prevalecem as regras de mercado. O que há são medidas pontuais de defesa comercial porque, como o setor integra uma cadeia produtiva de grande importância econômica, temos como foco, sempre, o fortalecimento do parque industrial e o combate a práticas desleais de comércio. Essas medidas se baseiam em estudos técnicos realizados pela Secretaria de Comércio Exterior do MDIC e são analisadas e aprovadas pela Câmara de Comércio Exterior (Camex).

Há essa preocupação no Governo, com relação ao aço?

Sim, porque o aço é insumo para várias cadeias produtivas, como por exemplo, a automotiva, a naval, de construção civil e de bens de capital. Por outro lado, o Brasil quer agregar



cada vez mais valor ao nosso minério de ferro. A produção de aço também é muito intensiva em capital. E como os investimentos em uma siderúrgica ficam na casa dos bilhões, o Governo precisa ter um olhar sempre atento para o mercado de aço. Não pode permitir a destruição de valor da siderurgia brasileira nem a prática de preços fora dos parâmetros normais de mercado. Tem que administrar uma equação onde todos ganham, buscando aumentar o consumo per capita de aço no País. E isso acontecerá, pois o Brasil está em uma rota de crescimento sustentável.

Existem dados sobre os números da importação de aço, direta e indireta, com relação ao parque industrial brasileiro?

Números preliminares compilados pelo Instituto Aço Brasil mostram que as importações diretas de aço passaram de 2.656 mil toneladas, em 2008, para 3.783 toneladas, em 2012. Já as importações indiretas saltaram de 3.238 mil toneladas para 4.864 mil toneladas, no mesmo período. Considerando os últimos quatro anos, estimamos que a capacidade instalada da siderurgia brasileira alcançou 51 mil toneladas em 2012. Quatro anos antes, esse número havia sido de 41.462 mil toneladas. O crescimento expressivo mostra a força da siderurgia nacional e a sua importância para a economia.

Qual seria o setor chave para alavancar o crescimento da produção industrial brasileira?

O esforço do Governo brasileiro é o de manter a liderança na exportação de *commodities* agrícolas e de minérios, nos quais somos muito competitivos e que são extremamente importantes no contexto econômico mundial, entretanto, também queremos ser uma potência na área industrial. É claro que não podemos ser destaques em todos os segmentos. Temos que incentivar a indústria de uma maneira geral, mas sabemos que algumas áreas têm mais perspectivas de crescimento ou são mais competitivas que outras. No Plano Brasil Maior, quase 40 setores foram priorizados e estão representados nos 19 conselhos de competitividade criados no âmbito do plano. São grupos compostos por representantes do Governo e de empresas e sindicatos, que se reúnem periodicamente para discutir e sugerir medidas de incentivo e fortalecimento das indústrias ali representadas.

Dentre os conselhos em funcionamento estão: Petróleo, Gás e Naval; Automotivo; Defesa, Aeronáutico e Naval; Indústria Química; Indústria da Mineração; Serviços Logísticos e Metalurgia. Junto a toda essa discussão, o Governo tem buscado a solução de questões que, de certa forma, atrapalham a competitividade da indústria nacional, como os gargalos na infraestrutura. Junto a esse fator, outros estão sendo combatidos pelo Governo, como a redução dos juros, por exemplo. São ações que beneficiam toda a indústria nacional e contribuem para o aumento da competitividade.

Qual a mensagem o Ministro Fernando Pimentel tem para o distribuidor de aço?

Olhamos com muita atenção para a situação atual da cadeia do aço no Brasil. É preciso fortalecer esse setor que passa por um momento de forte concorrência internacional e, embora o Governo tenha definido medidas para o aumento da competitividade dessas indústrias instaladas no País, o mercado é extremamente dinâmico e aberto à concorrência. As possibilidades para aumento da demanda de aço são grandes, uma vez que há expectativas de inves-

timentos crescentes no País.

Em 2012, lançamos o Inovar-Auto, o novo regime automotivo brasileiro, que incentivará aportes no País e, conseqüentemente, o aumento da produção e da venda de automóveis. No período de vigência do Inovar-Auto, de 2013 até 2017, estão previstos investimentos de R\$ 5,5 bilhões por parte das montadoras e um aumento da produção dos 3,34 milhões de automóveis, em 2012, para mais de 4 milhões, até 2017.

Também aguarda-se investimentos substanciais na área de infraestrutura, especialmente em ferrovias e aeroportos, e uma série de novos projetos motivados por grandes eventos como a Copa do Mundo e as Olimpíadas de 2016. O Brasil se converteu em um porto seguro para investimentos. Conquistamos US\$ 66 bilhões em 2011 e US\$ 63,8 bilhões somente nos primeiros nove meses de 2012, atraídos pela solidez da economia brasileira, que está reforçada por reservas de US\$ 378 bilhões. Estamos confiantes e esperamos manter a força e diversidade da economia brasileira, para a manutenção de empregos e divisas. ✍

2012 e 2013. O ano da construção civil brasileira

Análise do que acabou... Expectativa para o que se inicia... E dificuldades que se aproximam

O setor da construção civil é um dos maiores consumidores de aço no Brasil, principalmente nos últimos anos, devido aos inúmeros empreendimentos imobiliários espalhados por todo o País... Isso sem falar nas obras de infraestrutura que cercam a Copa do Mundo e Olimpíadas.

De acordo com o SindusCon-SP – Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado de São Paulo –, o segmento da construção civil cresceu 4% em 2012, e a expectativa para 2013, é que volte a crescer entre 3,5% e 4%. Os números superam a expectativa de crescimento do PIB – Produto Interno Brasileiro –, que ficou em 1% no ano passado.

O presidente do SindusCon-SP, Sérgio Watanabe, disse que este avanço é resultado do ritmo de obras de programas federais, como por exemplo, o “Minha Casa, Minha Vida” e medidas de estímulo a atividades de construção anunciadas pela presidente Dilma Rousseff. “Foram atendidas a uma parte das reivindicações apresentadas pela Câmara Brasileira da Indústria da Construção, com a participação do SindusCon-SP, em novembro passado”, contou Watanabe, que alertou. “Agora, esperamos que, na regulamentação, o construtor principal de uma obra possa abater as contribuições à Previdência feitas pelas subcontratadas. Se isto não ocorrer, muitas construtoras recolherão mais à Previdência do que atualmente e o segmento será ainda mais onerado, o que seria grave”.

Desta forma, são necessários mais cuidados para a consolidação do setor, que precisa de uma reforma fiscal ampla, com a progressiva redução das cargas tributária e trabalhista, levando a efetiva desoneração da produção no Brasil. Isto favorecerá os investimentos que permitirão a volta do cres-



cimento robusto do PIB.

Já a economista Ana Maria Castelo, da FGV – Fundação Getúlio Vargas –, comparou o atual crescimento ao período de crise. “Acredito que a melhora nas perspectivas de desempenho das empresas, que até então indicavam recuo, sinaliza que o pior da desaceleração ficou para trás”, afirmou.

Para o SindusCon-SP e a FGV, o que sustentou o crescimento da construção civil foi o número de contratações. Apesar de o nível de emprego formal da construção brasileira ter caído 0,22% em outubro, o acumulado dos dez primeiros meses de 2012 (quando comparado ao mesmo período de 2011), ficou em 6,57%. “A produtividade dos trabalhadores da construção tem aumentado graças ao esforço do setor e ao investimento das construtoras em treinamento, requalificação e reciclagem”, declarou.

2012 se foi... Mas aí vêm 2013 para quem pensa em mais avanços. É trabalhar e investir para ver! ✍

Vendas devem crescer 6% em 2013

As compras de aços planos em dezembro registraram retração de 15,3% quando comparadas ao mês anterior, atingindo o volume de 323,1 mil toneladas. Em 2012, apontaram crescimento de 5,2% diante ao mesmo período do ano anterior, com volume total de 4.297,9 mil toneladas.

Em relação às vendas, o mês de dezembro também teve queda, 18,8% quando comparado a novembro, com volume total de 312,5 mil toneladas. Entre janeiro e dezembro do ano passado, as vendas da rede associada contabilizaram crescimento de 1,5% frente ao mesmo período de 2011, com volume total de 4.354,5 mil toneladas.

Assim, os estoques em dezembro fecharam com alta de 1,1% em seus volumes, atingindo o montante de 944,1 mil toneladas. Com isso, o giro dos estoques subiu para três meses.

Em 2013, com base nas recentes ações do Governo para fomentar a competitividade da indústria nacional e na expectativa positiva de crescimento do consumo aparente de aço, acreditamos que as vendas da rede de distribuição voltem a crescer de forma mais consistente no próximo ano, em torno de 6%.

DESEMPENHO DOS ASSOCIADOS

ESTOQUE¹ | DEZEMBRO

2012	2011	Var.%
944,1	1.000,7	-5,7%

COMPRAS² | DEZEMBRO

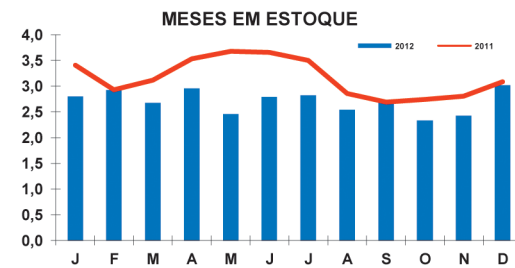
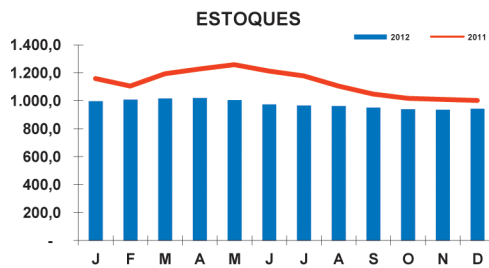
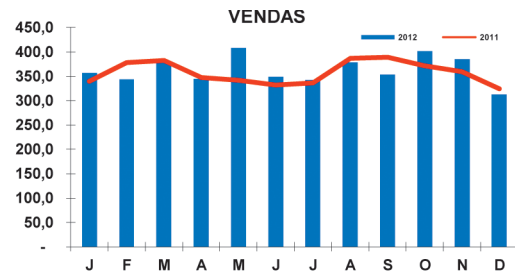
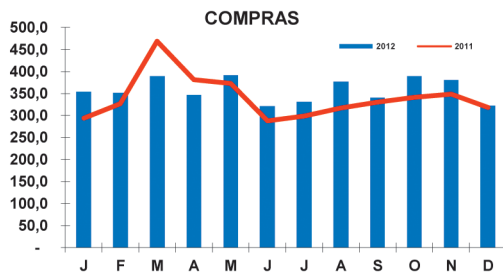
2012	2011	Var.%
323,1	317,7	1,7%

VENDAS¹ | DEZEMBRO

2012	2011	Var.%
312,5	324,8	-3,8%

¹ Incluem importações informadas pelos associados | ² Incluem os embarques das usinas para outros setores via distribuição

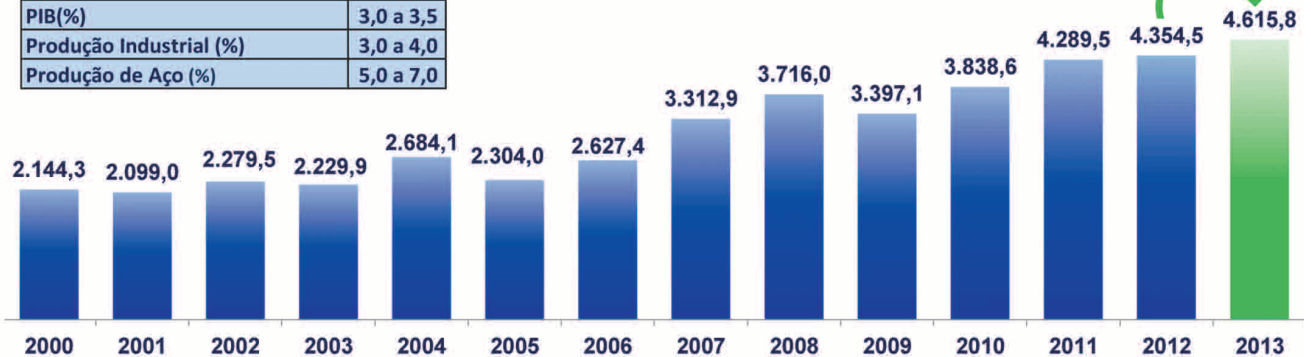
Unid:1000 ton.



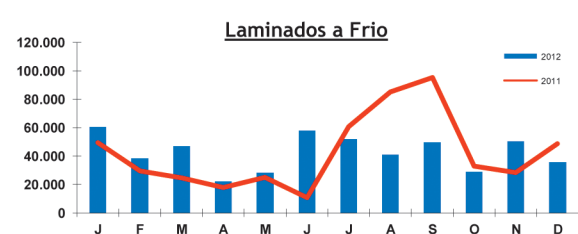
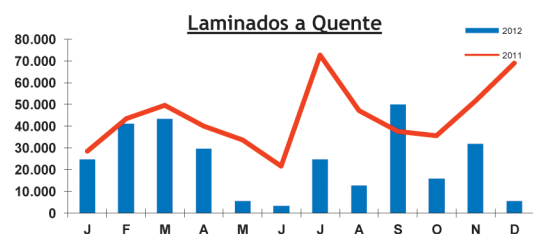
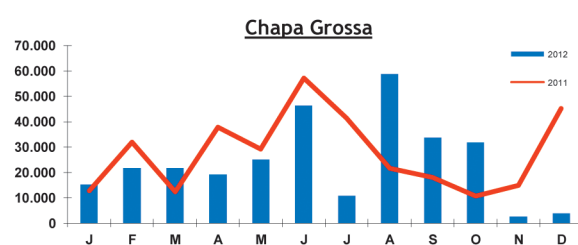
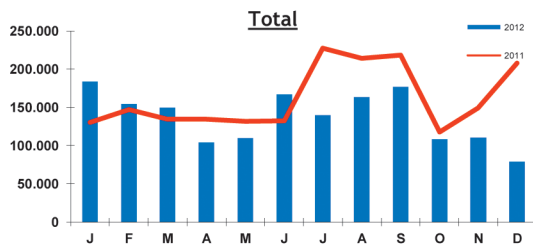
Cenário Considerado	2013
PIB(%)	3,0 a 3,5
Produção Industrial (%)	3,0 a 4,0
Produção de Aço (%)	5,0 a 7,0

Expectativas 2013

Projeção: +6%



Importações de Aços Planos³



Isto não é um octógono

O Jantar do Inda trouxe um importante assunto para reflexão: “nesta irracional briga entre as empresas da cadeia do aço por market share não haverá vencedores... Ou melhor, a China será a grande vitoriosa”



Mais um ano se passou... E para refletir todos os esforços despendidos durante 2012 e debater os resultados obtidos pela siderurgia nacional, nada melhor do que o Jantar do Inda – Instituto Nacional dos Distribuidores de Aço. Há 42 anos, a entidade promove esta confraternização, que atrai os principais executivos da cadeia do aço.

Realizado no dia 05 de dezembro, na Casa Petra, em São Paulo, SP, mais de 500 pessoas compareceram ao evento que teve como tema a “Sustentabilidade”. Em discurso, o presidente do Inda, Carlos Loureiro, destacou o que quer dizer esta palavra dentro do universo empresarial. “Aquele que tem uma conduta pautada pelos preceitos da sustentabilidade é uma empresa que sabe, dentro de seu processo de produção, preservar o meio ambiente, a comunidade onde está inserida e o capital. Este é o tripé elementar para uma ação empresarial sustentável: preservar o planeta, desenvolver a comunidade onde atua e remunerar adequadamente o capital”, disse.

Durante o discurso, Loureiro chamou a atenção para 2012, que foi mais um ano difícil, onde todas as companhias lutaram para garantir sobrevivência. Os empresários assistiram as suas margens caírem ainda mais, o surgimento de concorrências jamais imaginadas e a penetração cada vez maior da importação de produtos intensivos em aços. “As regras do jogo mudaram a uma velocidade tão rápida, que

mesmo os mais bem preparados estrategistas estão com dificuldades de fazer qualquer tipo de previsão de longo prazo para a siderurgia nacional”, apontou Loureiro.

Em um desabafo, Loureiro comentou que em 40 anos de atuação neste mercado, ele nunca assistiu a disputas tão desiguais e equivocadas (para não dizer agressivas), na hora de fechar um pedido. “A impressão que tenho é que nós estamos em um mercado sem regras de conduta. É um mercado frágil e indefeso frente às especulações internacionais. O que acontecerá daqui para frente, será fruto da nossa capacidade de diálogo e articulação em defesa do mercado brasileiro”, refletiu.

Para o Inda, é preciso encontrar uma linha que possa restabelecer o diálogo dentro desta cadeia produtiva: usinas, distribuição e indústrias. O Brasil ainda consome muito pouco aço para um País de tais dimensões e com a importância que tem no cenário internacional. Precisa-se criar um ciclo virtuoso de consumo que privilegie obras de infraestrutura, construção civil e transporte.

“Estou otimista e não tenho dúvidas que os próximos anos serão bastante promissores para a economia brasileira. O Governo tem sinalizado positivamente em defesa do empresariado nacional; o que nós precisamos é levantar o nariz do avião e enxergar além do horizonte”, comentou o presidente do Inda. ✍

Agradecimento especial

Realizar um evento desta magnitude e importância, em um dos locais de maior prestígio da capital paulista, só é possível graças a visão e colaboração de nossos patrocinadores: CSN, Gerdau, ArcelorMittal, Usiminas, Votorantim Siderurgia; e apoiadores: Perfilados Nardi e Comercial Gerdau.

Reflexões e opiniões



Com a reunião dos principais empresários do setor siderúrgico do País, o Inda – Instituto Nacional dos Distribuidores de Aço – realizou em dezembro passado, mais um jantar de confraternização. Na ocasião, os convidados manifestaram suas opiniões sobre a temporada 2012, que foi marcada pela luta em busca da sobrevivência em um dos mercados mais atingidos pela falta de competitividade da indústria nacional.

Para tornar o acontecimento diferente e descontraído, o artista plástico **Sérgio Fabris**, criou na hora uma bela obra de arte, que foi sorteada entre os participantes. O contemplado foi Marcello Cortez, da Triaxle Operadora Logística.

Entre os mais de 500 convidados presentes, estava o diretor comercial da Tuper, Almir Multon. Ele revelou que a



empresa atingiu no ano passado um aumento de 24% em relação a 2011. “Um crescimento médio que superou o alcançado nos últimos dez anos, que foi de 22%. Em faturamento, isso representou R\$ 1,3 bilhão”, declarou.

De todos os segmentos que a Tuper atende, Multon acredita que as obras de infra estrutura para comportarem as grandes realizações esportivas agendadas para o Brasil, como a Copa do Mundo de Futebol de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, darão um impacto relevante para a economia nacional, em função da esperada melhora no ritmo de execução das obras. “Além do setor automotivo, que já anunciou estimativa de crescimento na produção e nas vendas, acompanhando os indicadores do PIB, previstos para 2013”, comentou.



O CEO da ArcelorMittal Distribuição e Serviços da América do Sul, **Philippe Ormancey**, destacou que o Jantar do Inda é o único que proporciona a interação dos setores de mineração, produção e distribuição de aços. “A entidade deve manter esta tradição, pois o Inda é o centro da siderurgia brasileira”, afirmou.

Para o diretor executivo comercial da CSN, Luis Fernando Martinez, o Jantar do Inda é um acontecimento muito aguardado pelos executivos da cadeia do aço, onde analistas e formadores de opinião também sempre comparecem. “Além de ser uma ocasião de confraternização, discutimos muito sobre o crescimento do setor, investimentos, possibilidades de inovação, competitividade, enfim... Assuntos livres, mas, inevitavelmente, ligados a nossa área de atuação”, disse Martinez.



O executivo concluiu que as expectativas para 2012 não foram atingidas, tão embora o volume de vendas tenha sido razoável. “Tivemos uma crise de rentabilidade em função do aumento da matéria-prima, dólar, importação de produto acabado e de bobinas. Foi um ano que poderia ter sido melhor”, declarou ele, que enxerga boas perspectivas para 2013. “O grande desafio – não só para a CSN, como para todo o segmento da distribuição de aço –, é recuperar as margens de negociação. Para tanto, teremos que buscar operar em plena capacidade”, completou.

O diretor presidente da Kofar Indústria e Comércio de Produtos Metalúrgicos, Antonio Carlos Settani Cortez apreciou bastante o Jantar. “É realmente um momento mágico, onde



encontramos muitos amigos que por diversas vezes não falamos durante o ano todo. É hora de descontração, onde fornecedores, clientes, *traders* e prestadores de serviços se encontram e conversam sobre tudo. Essa reunião serve para aferir o humor do setor, bem como suas esperanças. Enfim, é um conagraçamento que cada dia tem mais valor”, apontou Cortez.



controlada – onde os importadores não terão mais benefícios fiscais em determinados estados e deverão recolher e repassar 4% de ICMS – ficou mais difícil a vida dos importadores. Com isso, os pedidos de importação minguaram e muitas empresas *traders* fecharam as portas. Isso é muito importante para o setor de distribuição e para as usinas, pois fica mais claro o



Para este ano, Cortez acredita que os setores automobilístico, construção civil, máquinas e equipamentos, naval, móveis e utensílios, e gás e óleo serão bem impulsionados. Em uma análise sobre a influência chinesa, Cortez ponderou sobre a forte presença do País até outubro de 2012. “Com o dólar na cotação entre R\$ 2,05 e 2,10 e com a Guerra dos Portos



jogo e a maneira de como trabalhar”, opinou Cortez. Entre tantas pautas a serem tratadas e assuntos de preocupação geral, o diretor Comercial da Paulifer, Antônio Gurgel destacou: “o jantar estava muito agradável com a participação dos principais executivos das usinas siderúrgicas e da distribuição. Um grande sucesso”, encerrou. ✍



A espera de bons resultados em 2013

ABIFER prevê que o setor fabricará nesta década (entre 2010 e 2019) 40 mil vagões de carga, 2.100 locomotivas e 4 mil carros de passageiros

Os números – que até podem parecer bons – não são animadores. Pesquisas realizadas por especialistas do segmento ferroviário revelaram que 2012 foi um ano de baixo rendimento. “Ficamos estagnados por duas décadas por falta de investimentos públicos e quase desaparecemos. Porém, devido à iniciativa privada e o recente empenho do Governo, começamos a ressurgir”, contou Vicente Abate, presidente da ABIFER – Associação Brasileira da Indústria Ferroviária.

De acordo com a ABIFER, a indústria ferroviária fechou 2012 com o mesmo faturamento de 2011. Os volumes de produção e vendas do segmento brasileiro, no que tange a vagões de carga, locomotivas e carros de passageiros, refletiram a atual desaceleração que atinge os setores de mineração e siderurgia.

No que diz respeito aos vagões de carga, o setor estimou no início de 2012 entregar 3.500 vagões e 110 locomotivas, no entanto, após o período, foi registrado 3.100 e 70 unidades, respectivamente.

Segundo o SIMEFRE – Sindicato Interestadual da Indústria de Materiais e Equipamentos Ferroviários e Rodoviários – da produção estimada para o exercício, cerca de 3.070 vagões são destinados ao mercado doméstico e 30 para a exportação – 25 para o Gabão e cinco para a Colômbia. No caso das locomotivas, 56 permanecem no Brasil e 14 serão exportadas.

Em 2011, a indústria ferroviária entregou ao mercado 5.616 vagões, atingindo a segunda maior produção históri-

ca, e 113 locomotivas – a melhor de todos os tempos. “No caso das locomotivas, houve uma postergação por parte das concessionárias nas encomendas de unidades novas para entregas em 2012, que retornarão ao patamar de 100 unidades em 2013. O setor também modernizou no ano passado, cerca de 70 locomotivas usadas”, explicou o vice-presidente do SIMEFRE, Luiz Fernando Ferrari.

Abate citou o Programa Brasil Maior, que implica ao Governo comprar produtos de fabricação nacional, ao invés de importadas, mesmo que estes sejam 20% mais caros. Outras ações, como a expansão da malha ferroviária de carga e de passageiros, também trarão benefícios à indústria, no médio e longo prazo.

Competitividade

No que se refere à concorrência estrangeira no Brasil, a indústria ferroviária tem respondido de forma eficiente, competitiva e inovadora, porém, sofre com os preços insustentáveis dos chineses, entre outros. “A indústria nacional foi derrotada somente quando enfrentou condições desfavoráveis (fiscal e de câmbio), que permitiram a vitória da indústria estrangeira”, encerrou Ferrari. ✍



Vicente Abate
Presidente da ABIFER



Sindicato patronal É excelente poder contar com ele!

De um lado, o sindicato dos trabalhadores... Do outro, o sindicato patronal (dos empresários).

Entenda porque é sempre positivo ter o respaldo de uma entidade de classe e, neste caso, saiba o que o Sindisider faz por você



Todos os anos, é comum escutar a seguinte pergunta: por que pagar a contribuição sindical aplicada pelos sindicatos de classe? A resposta é simples: “por meio dessa contribuição anual, que a maioria dos sindicatos consegue efetuar as previsões orçamentárias e manter as atividades que beneficiam seus representados”, explicou o Superintendente do Sindisider, Gilson Santos Bertozzo.

Para um sindicato, em função de prerrogativas institucionais, é muito difícil criar células de negócios que possam significar arrecadações de recursos. Por ser uma Instituição de representação classista, é preciso tomar muito cuidado com os esforços de caráter comercial.

No caso do Sindisider – que é um sindicato patronal – com os recursos arrecadados da contribuição obrigatória uma vez ao ano, mantém-se uma área jurídica que efetua negociações coletivas de trabalho com mais de 1.100 municípios nacionais, defendendo os interesses e necessidades das empresas associadas diante os Governos e Sindicatos dos Trabalhadores.

Entretanto, é preciso mais; então, outras ações são realizadas para a captação de recursos, como por exemplo, a venda de cursos, palestras, *workshop*, eventos, relatórios estatísticos, estudos de mercado e pesquisas setoriais, para empresas não afiliadas.

O Sindisider atua incansavelmente na defesa dos interesses das distribuidoras e revendedoras de produtos siderúrgicos em todo o Brasil, através dos seguintes serviços:

- Assessoria trabalhista;
- Assessoria tributária;
- Cursos de capacitação e reciclagem profissional;
- Estudos estatísticos do setor;

- Pesquisa salarial semestral;
- Reunião mensal para avaliação de mercado;
- Acompanhamento do preço do aço no Brasil;
- Publicações mensais;
- *Clipping* diário com informações dos principais setores clientes;
- Entre outros.

O Sindisider atua de forma absolutamente transparente, com os seus números auditados com periodicidade. Graças a essa política, desenvolveu-se uma equipe de profissionais das áreas jurídicas e de inteligência competitiva que prestam preciosos serviços às empresas afiliadas. Sem a contribuição patronal, isso não seria possível.

O que vem por aí?

Para 2013, o Sindisider pretende implantar um escritório de representação parlamentar em Brasília, DF, com o objetivo de acompanhar todas as ações políticas que possam ser do interesse do setor. “Entendemos que a perda de competitividade da indústria brasileira se dá em função das elevadas cargas tributárias que sofremos. Precisamos acompanhar de perto as ações dos políticos em Brasília para assegurar que nossas empresas não serão prejudicadas”, salientou Bertozzo.

O Sindisider é o grande “guarda-chuva” na representação das empresas da distribuição e revenda de aços no Brasil. “É o “escudo” que defende os interesses dessas empresas frente aos Governos, usinas e clientes. Desenvolve estudos estratégicos periódicos a fim de oferecer maior previsibilidade ao mercado, garantindo a sobrevivência e o desenvolvimento do setor”, encerrou o superintendente. ✍

Expediente

Diretoria Executiva

Presidente

Carlos Jorge Loureiro

Vice-presidente

José Eustáquio de Lima

Diretor administrativo e financeiro

Miguel Jorge Locatelli

Diretor para assuntos extraordinários

Heuler de Almeida

Conselho Diretor

Alberto Piñera Graña, Carlos Henrique, Stella Rotella, Philippe Jean Marie Ormancey, Ronei Kilzer Gomes, Newton Roberto Longo

Superintendente

Gilson Santos Bertozzo

Conselheiro Editorial

Oberdan Neves Oliveira

Revista Brasileira do Aço

11 2272-2121 revista@inda.org.br

Editora Isis Moretti (Mtb 36.471) isis@liberdadeideias.com.br

Estagiária de Redação Ana Paula Bellucci

Projeto gráfico, diagramação e editoração www.criatura.com.br

Impressão Pigma

Distribuição exclusiva para Associados ao Inda. Os artigos e opiniões publicados não refletem necessariamente a opinião da revista Brasileira do Aço e são de inteira responsabilidade de seus autores.